

Anistiado político: FELIX VALOIS GUARÁ BEZERRA

Data de nascimento:

O INTERESSE PELA POLÍTICA

Comecei a militância política com 16 anos. Eu era estudante no Lyceu de Goiânia.

O que me despertou o interesse pela política foi meu pai. Meu pai era um democrata, um nacionalista. Ele trabalhava na antiga Fundação CESPE, que tinha um convênio com o Departamento Estadual de Saneamento, que hoje seria a Saneago.

Naquele tempo houve várias perseguições na Saneago, e ele foi uma das pessoas que teve problemas. O que era na época diretor da Saneago, hoje já falecido, engenheiro Rodolfo José da Costa e Silva, também foi indiciado em IPMs, mas não sei se chegou a ser preso. Meu pai fazia parte daquele grupo. E eu me lembro do interesse dele, das conversas deles em casa, defendendo posições nacionalistas, legalistas, a resistência que houve na posse do Jango, e sua situação no golpe de 64.

No Lyceu de Goiânia havia um ambiente bastante interessante, de estudantes, jovens, que se interessavam não apenas pela cultura, mas também pelos problemas do país.

Os estudantes se agregavam no Grêmio Literário Felix de Bulhões, que era um centro de debates, de discussões sobre os assuntos daquela época, inclusive de resistência à ditadura.

Foi em 1966, com 16 anos. Entrei em contato com colegas, estudava lá Marcantônio Della Corte, que conheci naquela época, e já era ligado ao PC do B – Partido Comunista do Brasil. Fundou-se ali o que seria uma organização de base, uma célula do Partido. Não sei se pela situação de clandestinidade, naquela época não havia juventude comunista, pelo menos organizada como tal, como existe hoje dentro dos partidos legais. Naquele época então, as circunstâncias faziam com que um jovem de 16 anos entrasse direto para o Partido Comunista.

O GOLPE

Lembro-me perfeitamente do dia do Golpe. Só não me lembro se foi no dia 31, ou no dia 1º de abril. Acho que no dia 1º.

Eu estudava no período da tarde no Lyceu de Goiânia, e as aulas foram suspensas. Naquele tempo a diretora era a professora Ercília Milazzo, e o vice-diretor era o professor Sebastião França.

As aulas foram suspensas. Lembro-me que o tempo estava meio nublado. Por volta das 16h30min eu ia descendo a pé rumo a minha casa, naquela época eu morava no Setor

Aeroporto. Eu ia atalhando pela Rua 60, em direção a Rua 55, estava chovendo, eu estava com a pasta na cabeça, e coincidiu de o professor Mesquita, naquele exato momento abrir a janela e gritar em alto e bom tom para a vizinhança: “Derrubaram o homem!” Me lembro perfeitamente disso. O professor Mesquita hoje é falecido, e era um excelente professor de inglês. Aliás, quase todos os professores do Lyceu daquela época até o golpe, eram excelentes professores. O ensino no Lyceu de Goiânia ainda era levado a sério naquela época.

Fiquei com essa frase na cabeça: “Derrubaram o homem, derrubaram o homem”, que o professor Mesquita gritou pela janela.

À noite, me lembro de que meu pai chegou mais cedo em casa. Naquele tempo não tínhamos televisão, apenas rádio, e ele tentava sintonizar alguma rádio que tivesse resistência ao golpe.

O Lyceu de Goiânia era um centro de ensino com uma juventude muito efervescente, como era em geral a juventude mais esclarecida daquela época, principalmente dos centros de ensino, sejam nos secundários, ou universitários,

Não sei dizer se as primeiras greves, as primeiras manifestações estudantis ocorreram já em 1965, ou foram em 1966. Lembro-me que a primeira greve em que participei era uma greve contra o uniforme, o sapato estilo canoinha, que as meninas eram obrigadas a usar, e outro detalhe qualquer do uniforme que gerou aquela resistência, aquela revolta, que serviu de trampolim para outros tipos de reivindicações; denúncias das condições de ensino; posteriormente já estava se engendrando aquele famigerado acordo MEC-Usaid, que era a privatização do ensino, a introdução de disciplinas de caráter ideológico. O que arredondou, e quem é da minha época se lembra, a diferença e a perda de qualidade de ensino em Goiás, e do Lyceu de Goiânia.

Naquele época, até o golpe, havia concursos para professores. Havia congregação de professores. O salário de um professor do Lyceu de Goiânia antigamente era quase que equiparado a um de magistrado. O Lyceu de Goiânia era uma referência como o Pedro II do Rio de Janeiro. Depois do golpe começou a esculhambação do ensino. Lembro-me que tinha estudante de engenharia que era professor, não tinha nem o curso superior completo e já era professor, sem nenhuma didática. O cara estava no primeiro, segundo ano de engenharia e já dava aula no Lyceu, e nos colégios estaduais como professor.

No ensino médio, que eu saiba não houve grandes perseguições a professores. Deve ter tido casos pontuais. O que se evidenciou foi que a educação já na época não era prioridade para a ditadura. Eles tinham a política voltada para outros aspectos da economia, da sociedade, mas a educação deixou de ser uma prioridade. A educação de qualidade, o ensino universal, a luta contra o analfabetismo e outras políticas educacionais que hoje são elementares, naquela época já deixou de ser. A perda de qualidade no ensino é evidente nas estatísticas e em outros indicadores sociais.

Somos de uma geração que além de generosa, era muito interessada pelo estudo.

Não estou querendo fazer comparação de gerações, pois isso é uma coisa equivocada, mas como tudo era proibido naquela época, as pessoas jovens gostavam de ler. Fazíamos intercâmbio de livro; terminávamos de ler um livro e passávamos para o outro colega.

Havia interesse também pelo Cinema Novo naquela época, pelo teatro. Lembro-me que uma das manifestações contra a ditadura foi a apresentação da peça “Mortos Sem Sepultura” do

Sartre, que ele escreveu logo após a guerra em 1947. Foi levado através do antigo Teatro de Emergência, e todas as apresentações ficavam lotadas.

Ingressei-me na célula do PC do B no Lyceu de Goiânia, em 1966, mas foi uma militância efêmera, de uns quatro meses, pois logo em seguida toda a direção, ou parte da direção do PC do B foi presa, e ficamos sem contato nenhum, ficamos isolados. Até o Marcantônio esteve preso em uma época também. Éramos quase todos menores de idade, talvez por isso não tenham se preocupado com a gente.

Consegui ficar no Lyceu de Goiânia até 1968, época em que fui expulso antes do AI 5.

Consegui milagrosamente me matricular no Pedro Gomes em Campinas. Lá eu já havia me ingressado naquele grupo que ficou isolado do PC do B.

Naquela época evidentemente não tínhamos maiores discernimentos em termos de política, estratégias políticas, inclusive por causa da censura. Na nossa idade tínhamos muito mais capacidade e elementos inclusive, para discutir as situações internacionais, que a nacional e a local. Sabíamos muito mais das correlações de forças na arena internacional, a luta contra o imperialismo, principalmente ouvindo as emissoras dos países socialistas. O destino depois até me reservou uma surpresa, digamos assim. Naquela época tínhamos mais conhecimento da situação internacional. Não digo desconhecimento da situação nacional, mas para discutir as tendências faltava informação.

Fui expulso em 1967. Lembro-me de 1967, pois foram comemorados os 50 anos da Revolução de Outubro. Lembro-me que houve várias atividades de pichação, e eu já estava no Colégio Estadual Pedro Gomes, no Bairro de Campinas.

A primeira greve feita em Goiânia depois do golpe foi no Pedro Gomes, mas eu ainda não estudava lá.

Nessa greve, durante a noite a polícia cercou o Colégio Pedro Gomes, houve um tiroteio e morreu um policial militar. Até hoje não sei o desdobramento que teve aquilo. Essa greve foi em caráter abertamente político. Era em protesto contra a prisão do Tarzan de Castro, que havia sido preso, mas não sabíamos onde estava. Fizeram essa greve para denunciar a prisão e se saber o paradeiro de Tarzan de Castro. Tenho a impressão que o motivo da greve foi esse.

Stepan Nercessian, hoje ator global e vereador do PPS, no Rio de Janeiro, estudava lá. Frequentávamos muito a casa dele, era amigo da família, das irmãs dele. Ele era um garoto, bem mais novo, mas estava sempre conosco. Ele morava perto do colégio.

AI 5

Eu estava em Goiânia. Dezembro, como sempre, aqui é um mês chuvoso.

Lembro-me que a noite teve aquela cadeia nacional de rádio e televisão. Fui até o centro e me encontrei com o companheiro Benedito Carlos, estávamos comentando e ele usou pela primeira vez a expressão: “esse foi um golpe, dentro do golpe”. Acho que a primeira vez que escutei essa expressão, salvo erro, foi com Benedito Carlos.

Os setores mais radicais do bloco que constituíam, ou que repartiam entre si o poder no período da ditadura, levaram à edição do AI 5, Ato Institucional nº5, onde o que restava da liberdade, dos direitos e garantias individuais da Constituição anterior, foi escancaradamente eliminado.

PRISÃO

A minha prisão se deu em 1969.

Um companheiro nosso, o Manoel de Jesus Oliveira, o Ezu, tinha uma escolinha no Setor Ferroviário. Tinha o Instituto Rio Branco, que era um preparatório de vestibulares próximo à Praça do Bandeirante, que ele era sócio na época, se não me engano, e tinha uma filial no Setor Ferroviário, onde nos reuníamos.

Em um domingo aconteceu um jogo, uma disputa terrível do meu Vila Nova com o Atlético Clube Goianiense. Não me lembro se era final, só sei que era um calor terrível no Estádio Pedro Ludovico. Entre milhares de pessoas, eu torcendo pelo Vila. Não sei se era por causa da cor da bandeira vermelha, o Tigre.

Estávamos no Estádio Pedro Ludovico, e eu sempre dizia: Este tigre não é de papel. Lembrando Mao Tse Tung, que dizia que o imperialismo era um tigre de papel.

Não me lembro com certeza quem ganhou. Acho que foi o Vila.

No fim da tarde caiu um toró de chuva, depois disso tivemos uma reunião à noite nessa escolinha. Naquele tempo tínhamos muita facilidade em andar a pé. Saíamos do Setor Aeroporto e íamos para o Ferroviário numa boa. Era uma reunião do Comitê Secundarista do Partido Comunista Brasileiro. Éramos umas oito pessoas, já tínhamos começado a reunião, quando demos fé, com as nossa ilusões, o aparelho estava cercado pela Polícia Federal. Lembro-me que estava lá o delegado da Polícia Federal Jesus Antônio Lisboa, José Xavier do Bonfim, Milton, entre outros policiais.

Naquela mesma noite fomos levados para a sede da Polícia Federal que ficava na Avenida Goiás, esquina com a Rua 2, onde passamos a noite. Depois fomos levados para o Quartel do 10ºBC, onde ficamos durante um determinado tempo, e depois para Juiz de Fora.

Foi uma prisão em flagrante, com farto material subversivo, como se dizia. Eram jornais do partido, “Voz Operária” e outros materiais de estudos.

Minha família deve ter se preocupado, pois não era normal que eu dormisse fora, e logo no outro dia pela manhã ficaram sabendo da prisão. Minha mãe ficou arrasada, pois naquela época quando a pessoa era presa, a família logo pensava o pior, que iam matar, torturar, desaparecer. Só o fato de estar ali naquela situação, em um cubículo...

Lembro-me que fomos divididos em dois grupos de quatro pessoas. Eu estava em um cubículo de 2 metros de comprimento, por 1,5 de largura. Havia apenas um colchão para quatro pessoas. Se não me engano, depois nos colocaram todos em uma cela maior.

A 2ª PRISÃO

Não me lembro do motivo, mas fizemos manobra tal e corremos para dentro da Catedral. Eu estava sentado na nave esquerda, me lembro perfeitamente. De repente vejo uma confusão e escuto um barulho passar perto do meu ouvido, era uma bala. Olhei para trás para ver o que era aquilo, e o Telmo estava caído, o tiro tinha acertado na região de seu glúteo. Havia uma moça, Lúcia Jaime, que também levou um tiro no pé.

Lembro-me do policial civil com uma pistola apontada para o altar, vejam vocês, aqueles que defendiam a religião cristã.

Ficamos por uns quatro dias, e fomos para a Casa de Detenção, na Rua 66. Ficamos lá por um mês. As condições sanitárias eram péssimas, aquilo era um depósito de gente. Havia o corredor, celas de um lado e de outro, e à medida que iam chegando, iam colocando as pessoas.

Pelo que consta, a cela que estávamos era até uma das melhores. Imagina? Era um ar irrespirável, uma comida horrível. As condições eram degradantes. Tinham percevejos, pulgas. O vaso sanitário nas piores condições de higiene.

Depois de um mês mais ou menos, fomos levados para uma filial da Casa de Detenção que funcionava no CEPAIGO.

Estávamos presos à disposição da Polícia Militar. Naquele tempo, o julgamento desses processos era na Auditoria, na 4ª Região Militar, em Juiz de Fora.

Fomos para esse anexo da Casa de Detenção no CEPAIGO. Pelo que ouço falar, o CEPAIGO não tem nada haver com o CEPAIGO de hoje, que, aliás, nem chama mais CEPAIGO.

O último andar era reservado, e tínhamos banho de Sol. Dentro desses termos não posso falar que nem uma prisão era melhor, mas comparado ao que estávamos antes, era melhor. Cada pessoa tinha sua cela individual.

Fomos levados para Juiz de Fora. Chegou o camburão, nos conduziram para a sede da Polícia Federal no Centro em Goiânia. Nossos pais já estavam avisados. Enfiaram-nos dentro de um camburão. Estávamos em oito pessoas, oito jovens, com as respectivas bagagens que ocupavam quase a metade do espaço. Meteram-nos naquilo e mentiam para as pessoas que estavam ali, os pais, que aquilo era só até o aeroporto, como se fôssemos de avião para Juiz de Fora. Fomos direto para Juiz de Fora, naquela situação de quase asfixia. Deve ter sido inspirado naqueles vagões de gado, que levavam os prisioneiros para os campos de concentrações nazistas.

Fomos naquela situação, em uma viagem de mais 24 horas para Juiz de Fora. Quem conhece a estrada Belo Horizonte-Rio, sabe muito bem o quanto aquilo é cheio de morro, de abismos, curvas e contracurvas. Se tivesse acontecido algum acidente, muitos, provavelmente eu, não estaria aqui agora fazendo esse depoimento.

Acredito que se fosse na idade que tenho atualmente, ou um pouco menos, eu não teria chegado vivo lá.

Fomos divididos em Juiz de Fora. Metade foi para um quartel de Regimento de Artilharia e a outra metade, em que eu estava inclusive, foi para o Regimento de Infantaria. Inclusive foi uma honra muito grande, pois fiquei sabendo que o golpe de 64 começou lá naquele regimento de infantaria. (risos)

Estávamos sempre no olho e ninho da serpente, da cascavel, e ali ficamos.

Naquela época era inverno em Juiz de Fora, era muito frio. Quem conhece aquela região, Zona da Mata, Mantiqueira, sabe do frio que faz ali.

Ficamos lá, não me lembro se por um, ou dois meses, até que aconteceu a tal da audiência.

A Auditoria Militar, que é a Justiça Militar, era constituída, e até hoje acho que mudou pouca coisa, por um Juiz Togado Civil, o Ministério Público também era um civil, mais os juízes, que se não me engano são seis, em geral são capitães e oficiais.

No nosso caso, tirando dois companheiros, Marcantônio e o Léo Lince, que já eram maiores de 21 anos, todos demais eram menores e consta, eu não sabia disso, pois não tenho formação jurídica, que os policiais federais daqui, acostumados com todo tipo de arbitrariedade da época da ditadura, e é bom desde logo que não se confundam polícia federal da época da ditadura, e polícia federal de hoje, são coisas bem diferentes, e eu acredito que apesar dos efeitos, estamos em um estado democrático de direito. Era preciso que nos depoimentos o menor fosse assistido por um curador, chamado curador de menores. Eles não fizeram isso e proforma posteriormente procuraram um advogado da turma deles, que assinou dizendo que tinha assistido nossos depoimentos.

Esse advogado, que não me lembro do nome, era também conhecido - em cidade pequena, as pessoas se formavam mais ou menos na mesma turma da faculdade de direito - do nosso advogado Eney Curado Brom, que conseguiu uma declaração dele, dizendo que não havia assistido nosso depoimento. Isso foi apresentado pelo nosso advogado lá, o que foi um grande trunfo na argumentação para conseguir o relaxamento da nossa prisão. E foi o que aconteceu. Conseguiram o relaxamento da prisão, menos para o Marcantônio, que continuou preso.

Voltamos para Goiânia para respondermos o processo em liberdade.

Eu trabalhava como desenhista no antigo e extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento. Eu era terceirizado, diziam que eu seria contratado com carteira assinada depois de um mês, mas passado um mês me mandaram passear. Depois não consegui mais nada, não podia estudar, não podia trabalhar, não conseguia emprego. Até que veio o julgamento propriamente dito.

O julgamento aconteceu no fim do ano de 1969. A orientação era para que ninguém fosse ao julgamento, porque não sabíamos qual seria a pena. Os companheiros e inclusive eu, achávamos que se fosse de até um ano, porque faltariam poucos meses tirando o tempo que já havíamos ficado, cumpriríamos a pena em Goiás mesmo. Foi o meu caso. Outros companheiros que achavam que não seriam condenados há apenas um ano, resolveram ir para a clandestinidade.

Cumpri a pena no CEPAIGO, para completar um ano. Havia ficado alguns meses lá, e fiquei mais uns oito, nove meses no CEPAIGO.

Quando ainda estava na prisão, Salvador Allende havia sido eleito no Chile, o que despertou na América Latina uma nova esperança.

Havia outros presos políticos por lá, inclusive um que era muito meu amigo, Daniel Ângelo, que já é falecido, e estava no regime semiaberto. Daniel Ângelo foi um dos participantes do famoso assalto ao Tiro de Guerra de Anápolis, e posteriormente com a anistia, foi um dos vereadores mais bem eleitos em Goiânia. Foi também Secretário Municipal na prefeitura de Iris Rezende.

Daniel Ângelo já estava no regime semiaberto, e era o encarregado da horta. Em um belo dia desapareceu, e a horta ficou entregue a outras pessoas. Ele foi embora e só apareceu após a Anistia.

Estavam também o Nelson Cordeiro, e o Euler, que era um ex-sargento da Aeronáutica.

Quase no fim da pena, Salvador Allende havia sido eleito no Chile. Cumprimos a pena e saímos da prisão.

Aqui em Goiânia era impossível conseguir emprego. Não podíamos estudar, ninguém trabalhava e havia a possibilidade de qualquer momento voltarmos para a prisão. Você não estava seguro em nenhum momento. Se houvesse novas investidas, ondas de prisão, estaríamos com certeza entre os primeiros para voltar para lá.

Com a ajuda dos companheiros, dezenas de companheiros, resolvi ir para o Chile. Fui em companhia do companheiro Ubiramar Peixoto de Oliveira, o Bira, que hoje é advogado trabalhista em Brasília.

CHILE

Fomos para o Chile. Não avisei nada em casa. Pedi para meu irmão, que hoje é falecido, que avisasse depois de uns dois dias, ou três.

Fomos de ônibus até São Paulo. Em São Paulo passamos um dia no apartamento do professor Bianor Ferreira, que era amigo nosso, amigo do Bira. De lá fomos de ônibus até Porto Alegre, de Porto Alegre fomos para Montevidéu.

Naquele tempo podia viajar sem passaporte. Se fosse necessário, não teríamos condições de pedir um passaporte na Polícia Federal. Seríamos presos, porque com certeza pensariam que queríamos o passaporte para ir para Rússia ou para Cuba.

Naquele tempo não se dava passaporte nem para o exterior, nem para dentro, para pessoas que tivessem antecedentes políticos, que haviam sido presos políticos.

Quando fomos comprar a passagem em Porto Alegre o atendente pediu a identidade, para o Bira não tinha problema, pois já tinha 21 anos, mas eu ainda não. Isso foi em maio de 1971, eu faria 21 em junho.

Lembro-me que ele apontou para o rumo do Juizado de Menores, falando que eu tinha que ir até lá pedir uma autorização. Fui e deram, se não seria um problema.

Quando estávamos passando em Chuí na divisa, havia uma placa escrita Chuí com “i” no fim, e do lado de lá Chuy com “y”. O Bira estava me cutucando, e eu disse a ele que havíamos chegado ao Uruguai. Ele brincou dizendo: “claro que si”.

Mais adiante, ele não conhecia o mar, e o mostrei para ele. De lá fomos até Buenos Aires, cidade esquisita para nós que não falávamos a língua. Depois tomamos um ônibus para Mendoza, já na fronteira com o Chile.

Sentia-me como um passarinho. Ainda no Uruguai, passando em frente às universidades, vendo aquelas pichações dizendo “Viva o socialismo”, vendo aquelas manifestações diversas de esquerda, pois ainda não tinha ditadura no Uruguai, foi muito interessante.

Lembro-me que quando você vai de ônibus de Buenos Aires para Mendoza em direção ao Chile, você vê aquele pampa argentino. São quilômetros e quilômetros até sumir de vista e de repente ao longe vai surgindo aquele perfil, você vai se aproximando e é a Cordilheira dos Andes. É uma coisa que me impressionou bastante. Você vê aquela coisa majestosa no horizonte, que são os Andes a perder de vista.

Em Mendonza fomos ao que seria uma espécie de van para Santiago. Você vai em toda Cordilheira, todos aqueles desfiladeiros, aqueles penhascos, Aconcágua. Era maio e já estava começando a nevar. Foi ali na divisa do Chile com a Argentina que fui conhecer a neve, pela primeira vez.

Chegamos no Chile e havia uma greve geral naquele dia. Fomos para um apartamento, em um endereço que tínhamos e estavam lá, nosso velho amigo Juarez Ferraz de Maia, Alberto Berquó, Joaquim Jaime, que era professor na Universidade de Concepcion, mas naquele dia estava lá também, entre outras pessoas.

A experiência no Chile foi muitíssimo interessante, e que até hoje tem consequências tremendas em termos políticos, tanto no próprio Chile, como na América Latina. Demonstrou naquela época, e é muito importante quando falamos daquela época, que não se perca de vista o quadro, que foi um momento histórico que não se repete mais, e que nunca mais irá voltar, porque todo momento histórico é único, não existem outros rigorosamente iguais, mas demonstrou possibilidade de se chegar ao poder, de mudanças através de articulações políticas, de um arco de alianças dentro dos marcos institucionais do país, no caso, o Chile.

Demonstrou também que as oligarquias, que pregavam muito a democracia, mas desde que fosse democracia sem povo, democracia da boca para fora. Eles demonstraram que não estavam dispostos a abrir mão do poder de Estado e criaram então aqueles impasses históricos. Quem está em cima diz “eu quero”, quem está em baixo diz “eu quero”, e quem está em cima diz “não dou”, e usam todos os que tem a seu alcance para defenderem seus interesses.

A evolução do processo, as forças que constituíam o bloco que apoiava o Salvador Allende não conseguiram conquistar novos setores da sociedade chilena em apoio àquele processo de transformações, por medo, ou por susto, por acharem que estavam muito rápido, muito radical. Questões elementares naquela época eram consideradas radicais; reforma agrária. Não tiveram dúvidas em usarem seus setores nas Forças Armadas para pisar na Constituição que eles tinham jurado, e cometerem todas as barbaridades, genocídios praticamente, que fizeram contra o povo chileno.

No Chile entrei em contato com o pessoal do partido que existia lá. Morava em uma pensão, e logo em seguida, como eu era desenhista, consegui trabalho em um comitê de indústrias de materiais para a construção civil, ligados à Corporação de Fomento da Produção, que administrava todas aquelas empresas de produção de produtos para a construção civil, que haviam sido nacionalizadas. Trabalhava de dia e estudava à noite no Chile. Eu havia entrado em Desenho Industrial na Universidade Técnica do Estado.

As condições do Chile foram se deteriorando, havia muitas sabotagens, muito desabastecimento artificial provocado pelos grupos inimigos do Salvador Allende, mas o que não significa que não tenha sido um período riquíssimo de efervescência política e de aprendizado.

Recentemente eu estive no Chile, passei lembrando daquelas avenidas, chamadas de alamedas, que cortam a cidade de Santiago no Chile, das manifestações de apoio ao Salvador Allende, com mais de um milhão de pessoas participando. O povo estava organizado, mas não foi o suficiente para mantê-lo. Salvador Allende carecia de um dispositivo militar que fosse mais eficiente, ou de setores fiéis a Constituição. Hoje talvez não seja assim, e a história demonstrou isso, que você pode chegar ao poder sem precisar utilizar canhões. Usando a mobilização, usando trabalho de conscientização, de organização.

Eu já não estava mais no Chile quando aconteceu o golpe. Naquela situação de trabalhar, eu dividia uma casa com o Bira, que tinha ido comigo, e o nosso saudoso Carol Stalin Pires Leal, filho de outro saudoso companheiro, Basileu Leal, de Anápolis. Carol faleceu em um desastre na altura das sete curvas, trabalhava como arquiteto. Dividíamos o aluguel de uma casa, mas aquilo era uma situação precária, pois estava evidente que só por milagre não haveria um golpe no Chile. Quem estava lá sabe disso.

A situação estava se deteriorando cada vez mais em termos de abastecimento, para conseguir comprar um pão era complicado.

Eu tinha solicitado para o partido uma bolsa de estudos na União Soviética, na Universidade de Amizade dos Povos Patrice Lumumba.

RUSSIA

A bolsa que havia solicitado foi me dada, e fui para Moscou.

As aulas na Europa em geral, na União Soviética começam em 1º de setembro. Fui para Moscou uns dias antes, em meados de agosto. De Santiago fui para Havana, de Havana para Moscou, e logo em seguida aconteceu o golpe militar no Chile.

Quis o destino. Meus dois companheiros, o Carol e o Bira foram presos, barbaramente torturados no Estádio Nacional, junto com praticamente todos que eu conhecia. Meu diretor Eugênio Ruiz Tagle foi fuzilado, e até hoje é um assunto muito comentado no Chile. Ele era parente do ex-presidente do Chile, antes desse presidente.

Cheguei à União Soviética em agosto de 1973, em Moscou.

Outras experiências que o destino me quis, e foram muitíssimas interessantes. Tive o privilégio, como bolsista na União Soviética, de ser pago para estudar. Eu tinha meu alojamento no campus, o dividia com mais dois estudantes, era sempre um soviético e mais dois. Variava, um ano era com árabe, sempre variava as nacionalidades.

Éramos pagos para estudar. Tínhamos assistência médica-odontológica, férias pagas, alimentação; e o ensino era de alto nível.

Conheci a experiência soviética, conheci praticamente todos os países socialistas na época, conheci bastantes cidades da Rússia. As aulas eram em russo, e tínhamos que fazer o curso de russo.

Fiz o curso de Economia, o curso se chamava Economia e Planejamento Econômico Nacional. Vim de lá com o diploma de economista e mestre em ciências econômicas.

Fiquei seis anos por lá. Foi lá que tive minha filha, e hoje já tenho um neto. Minha filha é engenheira civil, mora e foi formada em Portugal.

Conheci tanto no Chile, como na União Soviética vários companheiros brasileiros, vários dirigentes do partido, inclusive Luiz Carlos Prestes, com quem eu tinha certo relacionamento. Alguns de seus filhos estudavam na Universidade, e de vez em quando, por assuntos do partido, me dirigia a casa dele.

Quando já estava dominando russo, lá pelo terceiro ano, comecei a trabalhar na Rádio Central de Moscou, na transmissão para o Brasil. Eu trabalhava como locutor e tradutor. Eu recebia o material em russo todo dia, mas trabalhava mais com a locução, dia sim, dia não. Gravávamos antecipadamente os programas que eram lançados no ar. Era uma rádio muito ouvida no Brasil.

Chegava revista, ouvíamos outras rádios, a BBC e outras rádios da Alemanha que transmitiam para o Brasil indiretamente, e os jornais que lá chegavam. Depois de 1975, 1976, depois de tantos assassinatos que houve, mas a Voz Operária sempre chegou. Que eu saiba a Voz Operária nunca deixou de funcionar.

Terminei o curso em fevereiro de 1979. Fiquei em um estágio pós-diploma até setembro, outubro de 79, quando fui para Angola. Fui trabalhar na Angola, que ainda estava em guerra, Luanda estava libertada, mas havia regiões em que não se podia ir.

Fui trabalhar na Diretoria de Planejamento do Ministério da Agricultura de Angola, onde fiquei por três anos.

Em novembro de 1979 teve a anistia, foi aí que recebi o passaporte, e depois de nove anos pela primeira vez pude vir ao Brasil; a Goiânia, Belo Horizonte onde estava minha família. A saudade do Brasil, no meu caso que além de termos uma visão de solidariedade com outros povos, somos nacionalistas. Nossa pátria é nossa pátria, não confundimos as coisas. Não quer dizer que agora temos que humilhar outro país, não. Temos relações fraternais, amistosas e tudo, mas em termos de amor pela pátria, pelo Brasil não devemos nada a ninguém. Acredito até que muito mais que aqueles que querem dar o nosso país para espoliação estrangeira imperialista.

Vim para Goiânia, e o Iris havia sido eleito.

Comecei a trabalhar na Comissão Estadual de Planejamento Agrícola, ligada a Secretária de Agricultura. Era um sistema nacional, e cada estado tinha a sua comissão estadual.

Naquela época a inflação estava terrível, galopante, havia crise, e atrasavam muito o pagamento. Com esses problemas todos comecei a mandar o meu currículo e fui contratado para um projeto em Moçambique.

Em 1990 fui para Moçambique. Um projeto ligado ao PNUD FAO, de formação gestores agrícolas, e lá fiquei por três anos.

Existe aquele sistema socialista que seria o ideal, aliás, em relação ao qual Marx não se aprofundou em detalhes, e seria até leviano se o fizesse na época em que ele viveu, pois não existiam elementos para isso, exceto traços gerais do que deveria ser uma sociedade socialista. Mas uma das características e quem conheceu os países socialistas sabe disso, da economia ou das relações sociais, principalmente da economia, é que muitos bens e serviços eram gratuitos, ou vendidos abaixo do seu custo, o que significaria que eram subsidiados, e isso teoricamente é possível. Você tem um setor da economia altamente produtivo, que poderá financiar e compensar aquele setor que venderá bens ou serviços gratuitamente ou abaixo do custo. Em uma contabilidade nacional, no papel você pode ter esse equilíbrio, mas na prática, como se costuma dizer, o buraco é bem mais embaixo.

Numa sociedade que tinha um Estado com forte ranço do Stalinismo, que foi um fenômeno que deformou enormemente todos os países socialistas, o que pressupõe a existência de uma máquina burocrática emperrada, onde as pessoas por questão cultural, ou por medo e receio, em geral não tomam nenhuma iniciativa. O que está em cima manda, e o que está em baixo sempre consegue algum argumento na estrutura. O último sempre está argumentando, só para que haja outro em baixo dele, para que saia daquela situação um pouco incomoda, onde se planejava até quantos botões de camisa seriam produzidos em cada plano quinquenal. Onde você tinha uma tecnologia capaz de mandar uma nave a Vênus, mas não se fazia um isqueiro que acendesse na hora que você quisesse. Tinham esses paradoxos. As questões culturais também, o povo de lá nunca havia conhecido a democracia burguesa ou representativa, como hoje você publica um artigo que escreveu e vai dormir tranquilo, mas não era assim na própria cultura russa e naqueles países do Leste Europeu. Era a cultura autoritária, onde Czar era o Secretário Geral. Era como dizia o povo “O chicote era o mesmo, só mudava a mão”.

Mas não quer dizer, e não vamos confundir as coisas, em muitos aspectos acho que foi historicamente um grande avanço, uma grande conquista da humanidade, você ter redimido o povo de uma miséria secular, com o acesso a educação, ao conhecimento científico, acesso à saúde. Os aspectos positivos não vamos de maneira nenhuma negar. É como o camarão, comemos o que há de bom e jogamos a casca fora.

Está demonstrado historicamente, e aí o velho Marx tinha razão, quando dizia que era preciso que o capitalismo esgotasse suas possibilidades de reprodução. Historicamente está demonstrado que ainda está longe disso. Essa crise que estamos atravessando não será o fim do capitalismo, é o fim do neoliberalismo. Se para frente o neoliberalismo irá voltar, não sei, mas hoje tenho certeza que ele está falido. Não o sistema capitalista como um todo, que já está recorrendo rapidamente às políticas Keynesianas já requentadas, filme que já vimos.

Naqueles outros países do Leste Europeu, refletindo o quadro que se formou com a derrota do fascismo na Segunda Guerra Mundial na Alemanha, aqueles países que foram libertados pela União Soviética, em comum acordo com as potências da época, ficaram em zona de

potências, zona de influência soviética e passaram o governo aos partidos comunistas. Aquilo não foi um processo histórico, foi simplesmente um processo exógeno. Veio de fora para dentro, enfiado onde foi possível. Tiveram casos de serem libertados pelos soviéticos, mas que não aconteceu isso, e outros lugares onde não foram, e também aconteceu. Não havia regra.

O Sistema Socialista Soviético chamado na época de Socialismo Real entrou em crise, em colapso, e só tinham duas alternativas: ou partiam, e eu não condeno o Gorbachev, como muitos condenam, ou voltavam ao stalinismo, fazendo de conta que a coisa estava andando, “me engana que eu gosto”, voltava a repressão, e já era impossível acontecer naquele mundo de então, ou se reestruturava. Estava esgotado, porque estávamos em mundo onde existia, e se existe cada vez mais, a livre circulação de informações, de ideias, já estava quase surgindo à internet.

Lembro-me que quando eu trabalhava aqui, como assessor para a Europa Oriental, quando o Senador Pedro Simões era Ministro da Agricultura, para chamarmos um técnico para uma reunião, para uma licitação, os técnicos deles nunca chegavam a tempo porque não tinham o visto, e até que recebiam os passaportes sempre estavam em desvantagem, e não acompanhavam. Eles desenvolveram muito a tecnologia ligada aos aspectos militares, são grandes vendedores de aviões-caças, queriam até vender para o Brasil, Sukhois, mísseis, mas as tecnologias de amplo consumo, os soviéticos não tiveram.